

MARCADORES DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS FALADO NA ILHA DE SANTIAGO (CABO VERDE)

Emilly Sampaio Silva Veloso

(UNILAB - Licenciada)

Eduardo Ferreira dos Santos

(UNILAB – Professor Adjunto)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Emilly Sampaio Silva Veloso é Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês - Bahia. Licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade. Email: emillyveloso@gmail.com</p> <p>Eduardo Ferreira dos Santos é Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da UNILAB/Campus dos Malês, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe, português na África, contato linguístico e ensino de gramática. Email: eduardo@unilab.edu.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Nosso trabalho tem como objetivo uma breve descrição de alguns marcadores discursivos presentes no português falado na Ilha de Santiago (Cabo Verde), a partir de entrevistas realizadas com alguns alunos de duas instituições de ensino em uma viagem de campo realizada no país. Consideramos os marcadores discursivos como termos que desempenham a função de construir o enunciado em um contexto cognitivo e interpessoal, auxiliando na concretização do discurso e destacando o que está implícito e explícito no texto realizado de forma oral e/ou escrito. A partir deste levantamento e da descrição dos dados, apresentamos sete exemplos de marcadores: agora, bom, aí, ah, ahn, né e eh. Com o suporte de uma revisão bibliográfica de trabalhos sobre marcadores discursivos no português brasileiro e europeu, ratificamos que esses marcadores desempenham, no português de Cabo Verde, a função de sequenciadores, conforme aponta Risso (2015), ou podem apontar para uma função interacional, nos termos de Urbano (2015).</p>	<p>Our work aims to a preliminar description of discursive markers found in portuguese language spoken in the Island of Santiago (Cape Verde) recorded from interviews of a group of students by two cape verdean teaching institutions when was realized a fieldwork in the country. We consider the discursive markers as terms that perform the function of constructing the utterance in a cognitive and interpersonal context, assisting in the achievement of the discourse and highlighting what is implicit and explicit in the oral and/or written texts. Considering this data collection and description, we present seven examples of discursive markers in cape verdean portuguese: agora, bom, aí, ah, ahn, né e eh. Supported by a bibliographic review about discursive markers works in brazilian and european portuguese, we ratify that these markers assume, in cape verdean portuguese, the function of sequencers, according to Risso (2015) or an interactive function in terms of Urban (2015).</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Marcadores Discursivos; Língua Portuguesa; Cabo Verde.	Discursive Markers; Portuguese Language; Cape Verde.

INTRODUÇÃO

Na agenda dos estudos linguísticos, a descrição e análise da língua portuguesa têm contribuído para entendermos o seu funcionamento nos mais diferentes níveis e, em especial, evidenciaram as características que definem as variedades brasileira e europeia – cf. Mateus et al (2003); Castilho (2010); Roberts e Kato (2018); Galves, Kato e Roberts (2019), entre outros.

Recentemente, atestamos trabalhos que privilegiam o português falado no continente africano, em específico, os países de fala oficial portuguesa (PALOP), e que apontam para as aproximações e particularidades em relação ao português brasileiro (doravante, PB) e ao português europeu (doravante, PE) – cf. Carvalho (1991), Chimbutane (1995), Gonçalves (1996, 2010), Mingas (2000), Baxter (2002), Miguel (2003), Cardoso (2005), Couto e Embaló (2010), Christofolletti (2011), Inverno (2011), Santos (2015), Brandão (2018), entre outros.

Embora sejam quantitativamente menores, se comparados com trabalhos que se debruçam sobre aspectos fonético/fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos do português, os estudos acerca dos marcadores discursivos (doravante, MDs) nesta língua, e suas variedades, mostram-se profícuos, como podemos ver em Freitag (2007), Freitag, Silva e Evangelista (2017) e Penhavel (2005), para o PB; Macário Lopes (2014) e Teixeira, Ribeiro e Salgado (2016) para o PE. Mais recentemente, Oliveira, Zanoli e Andrade (2018) realizaram um trabalho sobre marcadores discursivos no português falado em Angola, município do Libolo, o que nos parece ser o primeiro trabalho a contemplar uma variedade falada em África para esta temática.

Considerando que os diferentes trabalhos acima citados contemplam diferentes abordagens teóricas, pode-se, no entanto, apontar para o desafio central de se trabalhar com

expressões linguísticas que requerem descrições e explicações pragmáticas, dado que operam ao nível discursivo, permitindo uma gestão conjunta e coordenada da interacção verbal ou guiando os interlocutores na articulação sequencial de segmentos textuais, a diferentes níveis da estrutura discursiva (MACÁRIO LOPES, 2014, p.34).

Ressalta-se, ainda, que essas expressões reúnem formas linguisticamente diferentes, como classes de palavras distintas (advérbios, interjeições, conjunções), sintagmas preposicionais ou adverbiais e, em alguns casos, expressões proposicionais (COUTINHO, 2008, p.193).

De acordo com Freitag, Silva e Evangelista (2017, p. 56):

Em contextos de interação, muitos dos elementos linguísticos selecionados pelos falantes apresentam comportamentos diferentes daqueles encontrados nas prescrições gramaticais e expandem seus sentidos e significados para o campo pragmático do falante e do ouvinte envolvidos na interação, como resultado de gramaticalização (...).

Para as autoras, os novos itens que surgem de outros itens lexicais ou construções sintáticas acabam por assumir a organização interna do discurso e as funções interacionais (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017, p. 56).

Nosso trabalho pretende, então, desenvolver uma breve descrição desses elementos ou expressões linguísticas, comumente reconhecidos como MDs, presentes no português falado em Cabo Verde, especificamente, na Ilha de Santiago. Para além desta introdução, na primeira seção, faremos uma breve caracterização histórica, social e linguística de Cabo Verde. Em seguida, apresentamos a metodologia. Na terceira seção tem-se uma abordagem teórica e conceitual sobre os marcadores discursivos para que na próxima seção apresentemos uma descrição preliminar de MDs no português caboverdiano identificados na nossa pesquisa. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

1 ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS E LINGUÍSTICOS DE CABO VERDE

Nesta seção, faremos uma breve apresentação de aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de Cabo Verde.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

Cabo Verde é um arquipélago situado no continente africano formado por dez ilhas atlânticas, de origem vulcânica – das quais nove são habitadas – e cinco principais ilhéus. Sua superfície aproximada é de 4.033 km² e está a cerca de 500 km da costa senegalesa.

As ilhas estão divididas em dois grupos: i) Barlavento (Sal, Boa Vista, Santa Luzia (desabitada), Santo Antão, São Vicente e São Nicolau) correspondendo ao lado por onde sopra o vento, situada ao norte; ii) Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava) correspondendo o lado oposto ao que o vento sopra, situada ao sul. A ilha de Santiago é a maior do arquipélago e onde se localiza a capital do país, Cidade da

Praia.

A população local é de aproximadamente 524.833 pessoas residentes, sendo o saldo migratório com cerca de um milhão de caboverdianos na diáspora, de acordo com o Instituto Nacional das Estatísticas (INE), dados de 2015.

De acordo com Seibert (2014), o arquipélago de Cabo Verde era desabitado quando os portugueses desembarcaram na segunda metade do século XV. Precisamente em 1460, Antônio de Noli chegou ao arquipélago e, em 1462, D. Fernando encontrou as ilhas (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau e Santa Luzia). Depois de quatro anos, através da Carta Régia de D. Afonso, as ilhas de Santiago, Fogo, Maio e Boa Vista são entregues como herança para o infante D. Fernando (HERNANDEZ, 2008, p.520-521).

O povoamento do arquipélago deu início em 1462, com o processo de ocupação portuguesa na ilha de Santiago. Para Miranda (2013, p.10), “a situação geográfica da ilha, desde o primeiro momento, foi considerada favorável ao comércio escravocrata”, dentre outras razões, pela sua localização estratégica que favorecia a circulação de escravizados, não somente na costa africana, mas ligando os três continentes: europeu, africano e americano.

Em 1510, existia uma pequena população formada por portugueses, castelhanos e genoveses, entre outros europeus. Santiago e Fogo foram as primeiras ilhas habitadas no arquipélago e continuaram sendo as únicas por muito tempo pelo fato de apresentarem melhores condições para as atividades agrícolas e criação de gado.

O processo de povoamento das ilhas contou com a presença não apenas de populações escravizadas, mas, também, com a presença de negros livres que acompanhavam os comerciantes, mercenários e capitães de navios conhecidos como banhuuns, cassangas e brâmes, conforme aponta Martins (2009, p.20-21).

As sociedades crioulas surgiram através da mestiçagem biológica e cultural, entre homens europeus e africanas escravizadas. O surgimento da sociedade crioula foi em decorrência da junção entre a cultura portuguesa e as diversas culturas africanas, desse modo, ocorreu uma aculturação¹ recíproca, “uma europeização dos africanos, bem como uma africanização dos europeus” (SEIBERT, 2014, p.44).

Conforme aponta Seibert (2014), nos dois primeiros séculos da sua colonização, a economia de Cabo Verde tinha como principal objetivo o tráfico de escravizados que foram resgatados nos Rios da Guiné e vendidos para a Europa e para as Américas. Foi

¹ Para Watchel (1976 apud SANTOS, 2011, p.2-3), a aculturação não pode ser entendida como um caminho unilateral, ou a substituição de uma cultura por outra, simplesmente. Para o autor, a aculturação seria, portanto, “todos os fenômenos de ação recíproca que resultam do contato entre duas culturas de força desigual, uma dominante e outra dominada”.

através do tráfico de escravizados que as ilhas de Santiago e Fogo tiveram uma economia agropecuária diversificada, incluindo o fornecimento dos produtos de permuta e o abastecimento de navios, entre outros.

Mesmo após a abolição da escravatura, em 1876, as formas de trabalho que se sucederam tiveram como principal exemplo os efeitos perversos da escravidão. Segundo Hernandez (2008, p.524), os contratos realizados entre trabalhador e proprietário eram feitos verbalmente permitindo que o proprietário tivesse livre arbítrio em fazer alterações sem consultar o trabalhador, como o trabalho gratuito.

Em decorrência da miséria presente no arquipélago, muitos caboverdianos iniciaram um processo de emigração na busca de uma vida melhor tornando-se “um fator da mudança socioeconômica em Cabo Verde, devido à articulação que se estabeleceu entre o arquipélago e o espaço atlântico” (SEIBERT, 2014, p.62). Um dos primeiros destinos com maior facilidade de acesso a receber cidadãos africanos e não escravizados foram os Estados Unidos.

O Partido Africano da Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) foi o responsável pelo movimento que organizou a luta da independência de duas colônias portuguesas, Guiné Portuguesa e Cabo Verde. Em 24 de setembro de 1973 ocorreu a proclamação unilateral da independência de Guiné, que passou a ser denominada Guiné-Bissau, sendo reconhecida pelo governo português em agosto de 1974. Quanto a Cabo Verde, foi proclamada sua Independência em 5 de julho de 1975, gerando uma enorme expectativa de um futuro promissor para os caboverdianos (MONIZ, 2007, p.107).

No início dos anos 90, ocorre a abertura política com as eleições multipartidárias que, apesar das limitações, permitiu que as instituições do país iniciassem um processo de desenvolvimento socioeconômico e democrático. Desde 2011, o país é governado por Jorge Carlos Fonseca (MpD – Movimento para a Democracia), que está em seu segundo mandato, e possui uma economia voltada para a agricultura e área pesqueira, com o turismo sendo um dos principais propulsores da economia caboverdiana atual.

1.2 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NO ARQUIPÉLAGO

Após a chegada dos portugueses ao continente africano, a língua portuguesa começa a ser expandida especialmente no litoral, que era local de fácil acesso e de primeiro contato com as populações já ali presentes.

No caso de Cabo Verde, o português, apesar de ter sido a língua privilegiada e do colonizador, não teve a mesma aceitação que as demais colônias. Segundo Lopes e Oliveira (2018, p.101), a situação sociolinguística do arquipélago é marcada pela diglossia, isto é, presencia-se um bilinguismo disfuncional em que o crioulo e o

português falados em Cabo Verde estão em “esferas sociocomunicativas bem demarcadas e que já são parte do inconsciente/consciente coletivo do povo caboverdiano”. Para os autores, o português falado em Cabo Verde é a língua da formalidade e o crioulo caboverdiano é a língua da informalidade.

Durante a pesquisa de campo, constatamos que nas situações cotidianas, a população caboverdiana raramente utilizava o português para se comunicar. Essa também foi a constatação de Santos (2004) que teve a percepção de que, com o passar dos anos, os caboverdianos utilizavam menos o português para se comunicarem, excetuando-se, no entanto, os lugares que exigem uma certa formalidade, a exemplo de instituições governamentais, algumas instituições de ensino ou ambientes sociais que exigem formalidades específicas e oficiais. Já em relação ao crioulo, notamos em nossa pesquisa de campo o seu uso por grande parte dos caboverdianos em todos os momentos, principalmente nas diversas atividades do dia a dia e de convívio familiar e social.

O crioulo falado em Cabo Verde é a língua materna, ou a primeira a ser aprendida, da maioria da população do arquipélago e falada em todas as ilhas. A formação do crioulo de Cabo Verde está relacionada com a formação das demais línguas crioulas, ou seja, a partir de uma situação de contato linguístico em um contexto de escravidão. No caso das colônias africanas, o português funciona como a base lexical destes crioulos (superestrato) e as diversas línguas africanas constituem o substrato (ALEXANDRE, 2018, p. 140-141). Segundo Miranda (2013), cada ilha do arquipélago possui sua própria variedade linguística, sendo que a língua falada nas zonas rurais das ilhas possui diferenças em relação à língua falada nas zonas urbanas, não impedindo, contudo, sua intercompreensão.

De acordo com Lopes (2017, p.87), a oficialização da língua caboverdiana não foi consentida devido à herança colonial. Por muito tempo, essa língua foi classificada como um dialeto do português falado de maneira errada. A situação da língua caboverdiana em alguns aspectos continua o mesmo, como a sua situação de contato com a língua portuguesa, utilizada no meio informal e sendo excluída das instâncias formais. É a língua materna e de comunicação entre os caboverdianos e daqueles que residem no arquipélago consistindo em um dos aspectos fundamentais da identidade cultural dos caboverdianos, principalmente nas diásporas.

Em relação à língua portuguesa em Cabo Verde, temos seu status de língua oficial e a maioria da população tem o primeiro contato através de um meio institucional, ou seja, na idade escolar, na maioria das vezes. Embora o português assumisse esse papel perante o Estado hoje em dia, de acordo com observações constatadas, inclusive *in loco*, o português não se encontra como uma língua rival ao crioulo.

Para Alexandre (2018, p.149), o português, embora tenha muito prestígio no país,

seja pela situação diglósica e por ser a língua da internacionalização, não se coloca como um espaço identitário dos caboverdianos, considerando a consolidação da língua crioula desde o primeiro século de formação do país. Esse é um dos fatores que explica, por exemplo, o crioulo ter sido o foco principal de estudos linguísticos nos âmbitos descritivos e analíticos.

Retomando Lopes (2011, p.1), haveria um desconhecimento de “estudos exaustivos, sistemáticos e metodológicos fiáveis sobre o português falado em Cabo Verde (...)”. Ratificamos Lopes e Oliveira (2018) ao apontarmos que essa situação encontra-se em processo de reversão, como podemos ver recentemente em Oliveira e Araújo (2018).

2 COLETA E DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a metodologia empregada para coleta, transcrição e recorte dos dados para a análise dos MDs no português de Cabo Verde a partir de viagem de campo.

2.1 COLETA E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

A pesquisa em campo realizada em Cabo Verde, especificamente na Ilha de Santiago, deu-se nos meses de fevereiro e março de 2018 e foi articulada a partir do Acordo de Cooperação e Mobilidade Discente entre duas instituições de ensino superior: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade de Santiago (UNISANTIAGO). Em campo, contamos com o auxílio do corpo diretivo da Escola Secundária Luciano Garcia.

A metodologia aplica caracterizou-se por uma abordagem qualitativa de base etnográfica, ou seja, fundamentando-se em uma pesquisa de campo para apreensão dos dados de fala e análise dos MDs a partir de um recorte específico de um grupo social, ou seja, estudantes caboverdianos.

Para a coleta de dados, visitamos duas instituições de ensino: a Escola Secundária Luciano Garcia, localizada em São Lourenço dos Órgãos; e o Liceu Amílcar Cabral, localizado em Assomada. Primeiramente delimitamos as turmas que seriam gravadas e escolhemos as últimas classes: 10^a, 11^a e 12^a – que correspondem às últimas séries do Ensino Médio no Brasil. Levamos em consideração a idade dos alunos, em sua maioria adolescentes, e uma maior facilidade de interação e circulação de ideias para o desenvolvimento de uma conversa mais estendida e com assuntos diversificados.

Com a permissão dos responsáveis pelas instituições de ensino, tivemos contato

com os estudantes em diferentes contextos, como a participação em algumas aulas, assim como o intervalo destas aulas em que interagíamos com os estudantes em forma de entrevistas orais no estilo ‘documentador-entrevistado’². Utilizamos, para esse fim, o gravador já instalado em um celular Motorola G5S.

Para iniciarmos a interação com os colaboradores, recorremos às perguntas básicas, como idade, local de nascimento, local de moradia, filiação etc. Esse roteiro prévio não impedia, contudo, que outros assuntos fossem abordados conforme aparecessem na interação, como lugares frequentados para lazer, cantores preferidos, história do país etc.

Ao final do processo, contamos com 10 horas de gravações gerais divididas em 57 arquivos. Com esses arquivos, partimos para uma audição de cada um deles, descartando os áudios em que ficavam comprometidos os entendimentos do que era reproduzido, considerando que não tínhamos material adequado para captação de áudio e som ambiente das recolhas, em algumas ocasiões, não favoreciam um bom isolamento acústico de interferências sonoras externas.

Após essa primeira seleção do material, procedemos uma segunda seleção de arquivos em que se notava a presença de MDs. Para nosso trabalho de análise dos MDs, consideramos cinco entrevistas, sendo três colaboradores homens e duas colaboradoras mulheres, com faixa etária compreendendo dos 16 aos 19 anos. Em relação à transcrição, usamos o modelo ortográfico, buscando reproduzir as realizações linguísticas dentro das normas ortográficas do PB.

2.2 DELIMITAÇÃO DOS DADOS

Com as transcrições finalizadas, iniciou-se a identificação dos possíveis MDs presentes nas falas dos entrevistados. Após identificar os trechos com os possíveis MDs, passamos a destacar essa realização em pequenos trechos que nos forneceriam dados para posterior descrição.

Desse modo, tomemos o trecho abaixo que faz parte de uma entrevista:

Eu me chamo D. B. tenho 17 anos, moro em Achada Riba *ahn* eu *ahn* estudo 12^a turma, mais propriamente na turma 64 *ahn* bom, eu ainda não tenho assim, não sei bem o que vou fazer mas acho estar relacionada com a área de biologia, *ahn* eu torço pelo Benfica Barcelona [...] (COLABORADOR 01)

² Neste tipo de entrevista, há uma interação entre o documentador – aquele que apresenta as perguntas e conduz a entrevista – e o entrevistado – a pessoa selecionada para responder ao inquérito.

Assim, o trecho acima nos interessava por apresentar uma forma linguística – *ahn* – que parecia se comportar como um MDs. Logo, o trecho acima foi selecionado/recortado para fazer parte de um conjunto de trechos ou sentenças, em alguns casos, passíveis de descrição dentro do arcabouço teórico dos MDs, como apontaremos nas seções seguintes.

3 OS MARCADORES DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE

Nesta seção, apresentamos uma breve conceitualização dos MDs, assim como algumas características que definem esses itens linguísticos. Em seguida, apresentamos uma descrição preliminar dos MDs no português falado em Cabo Verde, a partir das suas funções de sequenciadores e interacionais.

3.1 BREVE CONCEITUALIZAÇÃO

Segundo Julião da Silva (2010), não podemos analisar a língua como um mero instrumento de interação, pois ela é um veículo no qual os indivíduos apresentam seus argumentos de acordo com a interpretação do contexto em que vivem, por meio de expressões escritas e orais.

Os MDs são fundamentais para o processo de conversação e o seu uso influencia tanto implicitamente, quanto explicitamente na argumentação entre locutores e interlocutores no funcionamento dos mecanismos dos seus discursos. Batista (2014) afirma que, na argumentação, é necessário que os falantes estabeleçam diversas táticas discursivas para convencer os interlocutores. Dentre essas táticas, encontram-se os conectores que são fundamentais para a organização e orientação dos discursos argumentativos do falante, pois têm diversas funções que se adequam de acordo com o contexto em que são utilizados e da intenção dos falantes.

Assim, conforme Raso (2014, p.412 apud OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018, p. 163), de modo geral, os MDs são considerados como itens lexicais/sintagmáticos que “(i) não atestam significado semântico e morfossintáticos ‘originais’; (ii) não participam da semântica e sintaxe da enunciação; (iii) apresentam distribuição livre; (iv) re; (iv) recebem diferentes funções pragmáticas (textuais ou metatextuais). No arcabouço teórico da Linguística Textual-Interativa, por exemplo, essas funções podem ser atestadas, mas deve-se ressaltar, porém, que essa perspectiva não é a única dentro dos estudos sobre marcadores discursivos. Destacam-se os trabalhos no âmbito do modelo Teoria da Língua em Ato “em que são considerados, como primeiro nível na análise da fala: a teoria da ilocução e a análise da estrutura informacional” (RASO, 2014, p.462 apud OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018, p. 164).

Segundo Freitag (2007, p. 23), os MDs não estão prescritos na gramática normativa tornando-os estigmatizados na grande maioria das vezes como um vício de linguagem. Além disso, é comum sua definição como meras formas vazias e retardatárias do discurso. Quando são dedicadas algumas palavras sobre os MDs em compêndios gramaticais, por exemplo, inserem-se na categoria de unidades morfológicamente marcadas, preposições, advérbios, locuções e conjunções, por exemplo.

Para Batista (2014, p.24), a gramática normativa é a principal responsável em limitar as funções dos MDs, pois ela só contempla a parte estrutural da sentença e a ligação entre os enunciados e não o contexto em que os marcadores estão inseridos. Sendo assim, são os falantes que determinam a função desses itens linguísticos durante o processo comunicacional.

3.2 CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DOS MDs

As funções textuais dos MDs estão principalmente relacionadas à habilidade do falante em utilizar os elementos linguísticos para uma efetiva coesão e coerência de seu texto (oral ou escrito). Esses elementos linguísticos são responsáveis em guiar “as inferências e as orientações discursivas dos interlocutores a favor dos argumentos apresentados pelos locutores (BATISTA, 2014, p.17).

Os MDs também podem ser vistos como facilitadores do processamento do discurso. Normalmente, considerar que os MDs facilitam o processamento do discurso relaciona-se ao fato de que esses marcadores abrangem a ideia de explicitar algo implícito no texto tanto oral quanto escrito. Quando assumimos a ideia de implícito, em conformidade com Penhavel (2012), evidencia-se que os interlocutores desempenham maior empenho no processamento cognitivo do que quando algo está explícito no discurso. Um exemplo de elementos que explicitam significações implícitas, é quando os MDs exercem a função de conectores. Nesse caso esses conectores facilitam o discurso, pois seriam utilizados ao longo de partes do texto para explicitar os significados e desse modo minimizar o esforço por parte dos interlocutores (PENHAVEL, 2012: 83).

Alguns marcadores discursivos possuem característica interpessoal e dispõem de condições de apoio discursivos que se originam de verbos ou adjetivos por processo de gramaticalização (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017, p.56). De acordo com Freitag (2007), uma mesma forma pode desempenhar concomitantemente funções distintas na organização da fala a partir de três planos: plano interpessoal, plano interpessoal e textual e plano rítmico.

Um das funções de natureza interpessoal é dar enfoque as informações, no qual

o falante, através de requisitos de apoio discursivo, chama a atenção para certo trecho ou elemento textual. Assim, considerando os propósitos pragmáticos, o falante pretende estimular a informação na memória do interlocutor e verificar a percepção do que foi falado evidenciando algumas informações em relação a outras (FREITAG, 2007, p.25).

A função de natureza interpessoal e textual é solicitar a atenção do ouvinte para algumas partes do texto, ou seja, atuando como elementos que dão enfoque as informações no texto. Essas informações estão relacionadas a ideia de relevo. Travaglia (1999, p.77-81 apud FREITAG, 2008, p.22-23) pontua que falante ao elaborar seu texto, recorre ao relevo para evidenciar elementos essenciais dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e camufla ou rebaixa alguns elementos em relação a outros (relevo negativo).

A função de natureza rítmico opera como marcadores de ritmo, formas automatizadas, ou 'pontuantes', perdendo sua modulação interrogativa (FREITAG, 2007, p. 24). Como exemplo dessa subcategoria estão presentes os MDs *né?* e *tá?* que, embora são vistos como formas reduzidas, desempenham a função de manter o ritmo e o turno do falante.

Na próxima subseção, abordaremos os MDs no português falado em Cabo Verde a partir de uma perspectiva da Gramática Textual Interativa, dentro da área Linguística Textual, "em que se busca o enfoque linguístico-pragmático, refletido na concepção de texto como unidade globalizadora, sociocomunicativa, que ganha existência dentro de um processo interacional" (JUBRAN, 2015, p. 34).

3.3 MDs E SUAS FUNÇÕES SEQUENCIAIS E INTERACIONAIS

Conforme aponta Penhavel (2012, p.92), os MDs "são uma classe formada por expressões linguísticas que atuam na articulação ou no gerenciamento interacional desses processos de construção textual". Ou seja, os MDs podem exercer as funções de sequenciadores e de interação na construção do texto.

De acordo com Risso (2015), os MDs sequenciadores são responsáveis pelo processo de organização tópica do texto, através de características específicas que auxiliam nas funções textuais no decorrer das relações interativas. Segundo Penhavel (2010), uma das funções desses marcadores é estabelecer uma ligação através do marcador discursivo presente no enunciado principal e que se refere a um aspecto desse enunciado.

Em relação aos MDs interacionais, Urbano (2015, p. 453) ressalta que são "exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicativamente não autônomos". Penhavel (2012) afirma que os MDs interacionais

apresentam como principal característica orientar o discurso sendo responsáveis por explicitar os significados contidos nele. Ou seja, são responsáveis por sinalizar de forma mais direta o que está sendo dito no discurso. Desempenham, assim, a função de indicar ou solicitar a percepção interacional entre os falantes durante o diálogo.

Para o português falado em Cabo Verde, reforçamos ao leitor que os MDs aqui apresentados não representam o quadro geral dos MDs possíveis na língua em consideração, já que não procedemos a um estudo exaustivo desses elementos na língua. Assim, buscamos, apenas, uma breve descrição de uma pequena parcela dos MDs que encontramos em nossa recolha dos dados: *agora, bom, aí, ah, ahn, né, eh*.

3.3.1 O MARCADOR AGORA

Nas interações com nossos informantes, identificamos *agora* assumindo o papel de MD e de advérbio.

Risso (2015) afirma que o marcador *agora* tem como uma de suas funções “avançar” o discurso, direcionando a atenção do ouvinte para algo novo que vai dizer. Geralmente este “algo novo” foi mencionado anteriormente no texto falado, como no exemplo a seguir:

[...] tenho 17 anos e quando terminar no Liceu quero fazer um curso de Direito, exercer por essa área mesmo. *Agora* pra você ir aqui em Cabo Verde, mais propriamente na ilha de Santiago, recomendo a Cidade Velha que é muito... tem muitas coisas que posso te indicar na cultura de Cabo Verde mesmo. (COLABORADOR 03)

Nessa parte de uma entrevista de um de nossos colaboradores, observa-se o uso de *agora* para direcionar o ouvinte a uma informação nova, com base em algo que foi perguntado/mencionado anteriormente no diálogo, ou seja, ele está assumindo o papel de avançar o discurso. Entendemos que a probabilidade do entrevistado usar o marcador *agora* é maior quando o entrevistador faz perguntas de forma agrupada, ou seja, mais de uma pergunta de uma única vez. Além disso, podemos entender que esse marcador assume um papel de sequenciador, por estar auxiliando nas funções textuais no decorrer da relação entre o falante e ouvinte.

Essa distinção entre o *agora* como marcador sequencial e como advérbio pode ser vista no trecho da entrevista abaixo, em que o termo assume uma função temporal, ou seja, de advérbio:

Bom, eu adoro muito, muito a música caboverdianas também é minha música,

né? mas acho eu que as músicas antigas, entre aspas, é as músicas antigas é de Cabo Verde pra mim são mais bonitas, mais bem cantada, mais bem reproduzida, e *agora* tudo é com moderação, o mundo desenvolve [...] (COLABORADOR 02).

3.3.2 O MARCADOR *BOM*

O termo *bom* aparece na fala dos colaboradores desempenhando tanto a função presente na gramática normativa como adjetivo, como também a função de um MD. O marcador *bom* é um segmento prefaciador utilizado pelo falante como adiantamento de um conteúdo tópico durante a interação.

Normalmente aparece na fala “como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações sequentes” (RISSO, 2015, p.429), como no trecho da entrevista a seguir:

Bom, eh eu não sei pra dizer claro eu amo o português, eh, alias eu amo o crioulo, porque eu passo o dia inteiro falando crioulo com os meus amigos, os meus colegas, é só na sala de aula que nós falamos, é português (COLABORADOR 02).

O marcador acima destacado assume um papel de sequenciador no discurso, funcionando no gerenciamento da resposta. Normalmente esse marcador é utilizado para iniciar a resposta de uma pergunta realizada anteriormente, dando sequência ao diálogo. Risso (2015) afirma que esse marcador funciona também para deixar o diálogo em aberto, enquanto o falante procura o sentido da formulação a ser dada ao discurso, ou seja, procura uma melhor maneira de responder à pergunta. Nesse caso a pergunta referia-se a opinião do entrevistado sobre a língua oficial de Cabo Verde.

3.3.3 O MARCADOR *AÍ*

De acordo com a gramática normativa o advérbio, “pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais”. (BECHARA, 2015, p.308). Assim, entre os pronominais, temos os demonstrativos como: aqui, aí, acolá, lá, cá.

Em relação ao *aí* o mesmo pode funcionar como MD, pois nem sempre assume a função adverbial em determinados contextos, como nos trechos destacados a seguir:

Assim, tipo, na história, assim. Vários turistas vão para o mato, assim, visitar e *aí* eles encontram zumbi lá, depois, e tentam fugir, mas só um atriz e autor que escapa, mas os outros todos vão ser comidos lá [...] (COLABORADOR 04).

[...] mas ele vão pra prisão juntamente com seu cúmplice e... 'mo k tchoma', não sei, 'ma sta' resgatado por um rapaz que 'tchoma' Stoni Cheron, *ai* 'es kre' e eles querem dominar o mundo sendo que supos... só eles querem [...] (COLABORADOR 06).

A partir dos trechos acima notamos que o “*ai*” assume a função de sequenciador, pois conecta as partes de informação proferidas pelo falante ao longo do evento comunicativo.

3.3.4 O MARCADOR *AH*

Risso (2015, p.40) afirma que o marcador *ah* é responsável por assumir uma função textual a partir da estruturação do desenvolvimento tópico, delimitando a abertura de falas no decorrer do discurso. Uma característica desse marcador no contexto interacional é quando ocorre em circunstâncias de convergência ou divergência entre os interlocutores.

Torna-se perceptível o uso desse marcador em partes do diálogo, indicando tipos de reações espontâneas no discurso tanto do falante, como do ouvinte. Normalmente presente no início de falas citadas, enfatizando “revelação das ligações interpessoais, o referido marcador entra no delineamento de convergências ou divergências de pontos de vista entre os interlocutores, fazendo parte do jogo argumentativo movido na relação entre turnos” (RISSO, 2015, p. 441). Verificaremos a presença desse marcador no trecho da entrevista a seguir:

Ah, filme, é a história de que um ator, eh, já esqueci o nome, eh ele faz tudo, tudo, mas tudo para uma pessoa, para uma madame, mas e, tipo, ele faz todos os aspectos para conseguir aquela, e aquela menina, mas só que ele não fala diretamente com ela, e assim depois, e eles estudavam também na mesma escola e ficando sempre preocupava mais com a vida da miúda do que dele. (COLABORADOR 02).

No contexto aqui exposto o marcador apresentado aparece no início da fala do aluno, indicando uma abertura no canal comunicativo e logo em seguida se inicia a resposta.

3.3.5 O MARCADOR *AHN*

Nas entrevistas constatamos a presença do marcador *ahn* produzido depois de uma pergunta aberta, ou seja, quando o falante vai responder algum questionamento,

podendo sinalizar um reforço a ela e aparece, também, como forma de acompanhamento do discurso por parte do ouvinte.

Outra característica desse marcador apresentada por Urbano (2015) é aparecer como repetição de comentários realizados anteriormente, geralmente como dúvida ou hesitação para que o falante ganhe tempo para dar início a resposta. Além disso, esse marcador pode estar presente apenas como pergunta retórica. Apresentaremos uma parte da entrevista com o seguinte marcador:

[...] moro em Achada Riba, *ahn* eu *ahn* estudo 12^a turma, mais propriamente na turma 64 *ahn* bom, eu ainda não tenho, assim, não sei bem o que vou fazer, mas acho estar relacionada com a área de biologia *ahn* eu torço pelo Benfica, Barcelona também são meus dois times de coração *ahn* seleção eu torço pela Argentina e também pela seleção de Cabo Verde, óbvio *ahn* acho que só, quer mais? (COLABORADOR 01).

Observamos que o marcador *ahn* aqui exposto apresenta como característica o papel de tempo que o falante utiliza para iniciar a resposta. Notamos também que esse marcador foi utilizado para recapitular um assunto abordado anteriormente³. Geralmente os marcadores que dão início a respostas ou comentários assumem uma função textual contribuindo para o desenvolvimento do discurso.

3.3.6 O MARCADOR *NE?*

Conforme Urbano (2015), o marcador interacional *né?* tem como principal função no discurso verificar a eficiência do canal de comunicação, ou seja, a função fática. Na maioria dos casos o marcador *né?* se encontra no final da frase em forma interrogativa ou comumente comparada com as 'tag questions'.

Esse marcador geralmente tem a função de reafirmar, ou destacar o que foi dito anteriormente no discurso do locutor, o que para Urbano (2015, p. 472) é uma evidência desse marcador provir da matriz "isso não é verdade?", como notamos a seguir:

Bom eu adoro muito muito a música caboverdianas também é minha música *né?* mas acho eu que as músicas antigas entre aspas é as músicas antigas é de Cabo Verde pra mim são mais bonitas mais bem cantada mais bem reproduzida [...] (COLABORADOR 02).

Praticamente as antigas agora já é pouco ouvido *né?* Agora já tem títulos que

³ Nota-se pelas palavras do Colaborador 3 que há uma retomada do assunto sobre futebol que já havia sido abordado pela entrevistadora em momento anterior à pergunta sobre seu local de moradia e sobre a escola em geral.

substituem praticamente... (COLABORADOR 03).

Os entrevistados acima, ao utilizarem o marcador *né?* realçam e reafirmam o conteúdo do que está sendo dito e o uso deste marcador não se trata de uma pergunta canônica.

3.3.7 O MARCADOR *EH*

Segundo as definições de Urbano (2015, p.466-467), o marcador *eh*⁴ está no grupo de marcadores (junto de *é claro* e *é verdade*) que desempenham a função de *feedback* que ocorre sob duas situações:

- a. Isoladamente, retroalimentando o falante e mantendo-o no seu papel discursivo;
- b. No início do turno do ouvinte, possibilitando a este assumir o papel de falante.

Vejamos a realização de *eh* no português de Cabo Verde:

Gestos dos *eh* dos personagens porque chama muita atenção da sociedade hoje em dia a sociedade tá muito TRECHO INCOMPREENSÍVEL jovens tá muito influenciados com esses filmes eles *eh* nos ensinam a tomar mais cuidado com o que é nosso e também que não devemos roubar eu, as coisas das outras pessoas, porque não é digno não é bom e também Amor Impossível *Impossible eh* são as coisas do sentimento.

[O que é que fala esse filme? Conta a história de que?]

Ah filme é a história de que um ator *eh* já esqueci o nome *eh* ele faz tudo tudo mas tudo para uma pessoa para uma madame mas e tipo ele faz todos os aspectos para conseguir aquela e aquela menina mas só que ele não fala diretamente com ela e assim depois e eles estudavam também na mesma escola e ficando sempre preocupava mais com a vida da miúda do que dele (COLABORADOR 02).

Os dados por nós levantados não apontaram para a realização de *eh* no início do turno do ouvinte quando partíamos de nós a pergunta, como se refere o item (b) acima. Pelo trecho apresentado, também não nos parece que o marcador *eh* está incluído na situação proposta em (a). Em nossa descrição, aproximamos o marcador *eh* com o marcador *ahn*, pois como aponta o trecho da entrevista, o marcador assume o papel de recapitular a pergunta realizada ou o assunto tratado.

⁴ Utilizamos a forma *eh* para distinguir do verbo copulativo “ser” em sua forma conjugada *é*.

4 CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve como objetivo uma breve descrição de alguns MDs encontrados no português falado em Cabo Verde após uma viagem realizada a ilha de Santiago e da coleta de dados em duas instituições de ensino.

A partir de uma revisão da literatura, buscamos apresentar alguns trabalhos que se debruçaram sobre as definições e funções dos marcadores discursivos. Chamou-nos a atenção que, embora alguns autores apontem certa discordância nessa empreitada, em nosso entendimento não há divisões antagônicas, mas sim de perspectivas semelhantes que usam conceitos diferentes, mas que não necessariamente alteram a classificação. Consideramos em nossa descrição os MDs que desempenham função de sequenciadores, conforme Risso (2015), e funções interacionais, de acordo com Urbano (2015).

Nessa perspectiva, os MDs desempenham a função de construir o enunciado no contexto cognitivo e interpessoal, ou seja, são responsáveis por concretizar o discurso marcando o que está implícito e explícito no texto oral e escrito. Cabe salientar a necessidade de incluir os MDs enquanto uma categoria na gramática normativa de forma a atribuir sua importância no discurso oral e escrito e o seu prestígio funcional e social.

Enfrentamos desafios e limitações quanto ao acesso aos estudos bibliográficos que fundamentassem o nosso trabalho, pois as publicações encontradas analisavam os MDs no PB e ou no PE. Desse modo, optamos por trabalhos que privilegiam os MDs na variedade brasileira do português.

Para nosso propósito de descrição, fizemos um recorte de alguns MDs, como *agora*, *bom*, *aí*, *ah*, *ahn*, *né?* e *eh*, ressaltando que não são os únicos MDs presentes no português caboverdiano. Apontamos que esses marcadores se enquadram nas funções de sequenciadores, quando são responsáveis pelo processo de organização tópica do texto; e interacionais quando orientam o discurso sendo responsáveis por explicitar os significados contidos nele.

Essa abordagem preliminar dos MDs no português caboverdiano nos mostra que é necessário um maior aprofundamento com um trabalho descritivo e analítico, e não só a partir de uma abordagem da Linguística Textual-Interativa, contrastando os MDs presentes no PB e no PE, para que possamos destacar, também, marcadores que possam ser identificadores da especificidade dessa variedade de português, e até mesmo da língua caboverdiana.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, N. Aquisição do português L2 em Cabo Verde: alguns aspectos morfossintáticos. In: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. **O português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, p. 139-164, 2018.
- BATISTA, M. **Marcadores discursivos: revisitando os conceitos e a análise linguístico-discursiva em gêneros de esfera jornalística inseridos no manual didático**. Universidade Estadual de Santa Cruz, Dissertação de Mestrado, 2014.
- BAXTER, A. N. Semicreolization? – The restructured portuguese of the tongas of São Tomé – a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. **Journal of Portuguese Linguistics**, 1, p. 7-39, 2002.
- BRANDÃO, S. F. **Dois Variedades Africanas do Português: Variáveis Fonético-Fonológicas e Morfossintáticas**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2018.
- CARDOSO, A. J. **As interferências linguísticas do caboverdiano no processo de aprendizagem do português**. Universidade Aberta, Dissertação de Mestrado, 2005.
- CARVALHO, M. J. A. Quantificadores e ensino da língua oficial em Moçambique. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, 4, p.53-58, 1991.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHIMBUTANE, F. **A estratégia do pronome resumptivo na formação de orações relativas restritivas de objecto directo e de oblíquo do português de Moçambique**. Universidade Eduardo Mondlane, Tese de Licenciatura, 1995.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Análise das realizações dos ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe**. Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011.
- COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP. **Papia**, 20, p. 11-253, 2010.
- COUTINHO, M. A. Marcadores discursivos e tipos de discurso. **Estudos Linguísticos**, 2, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, p. 193-210, 2008.
- FREITAG, R. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 4, n.4, p.22-43, 2007.
- _____. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. **Revista do GELNE**, v.10, n.1/2, 2/p. 21-32, 2008.
- _____.; SILVA, R.; EVANGELISTA, F. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. **Diacrítica**, p. 55-75, 2017.

- GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. **Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica**, 2019.
- GONÇALVES, P. **Português em Moçambique: Uma variedade em formação**. Maputo: Livraria Universitária e Faculdade de Letras da UEM, 1996.
- _____. **A gênese do português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.
- HERNANDEZ, L. **África na sala de aula**. 4ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- INVERNO, L. **Contact-induced restructuring or Portuguese morphosyntax in interior Angola: evidence from Dundo (Lunda Norte)**. Universidade de Coimbra, tese de Doutorado, 2011.
- JUBRAN, C. S. **Gramática do português culto falado no Brasil**. A construção do texto falado, v.1., São Paulo: Contexto, 2015.
- JULIÃO DA SILVA, S. D. **Análise e exploração de marcadores discursivos no ensino de Português-Língua Estrangeira (PLE) no Brasil**. Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2010.
- LOPES, A. **As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística**. Universidade de Lisboa, Tese de Doutorado, 2011.
- LOPES, F. **Análise morfossintática das construções-wh no português falado em Cabo Verde**. Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2017.
- LOPES, F.; OLIVEIRA, M. S. D. Estudos sobre o português falado em Cabo Verde: o “estado da arte”. In: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. **O português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, p. 101-138, 2018.
- MACÁRIO LOPES, Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no português europeu contemporâneo. **Diacrítica**, v.28, p.33-50, 2014.
- MARTINS, A. B. **Relações entre Portugal e Cabo Verde antes e depois da independência**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Dissertação de Mestrado, 2009.
- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MIGUEL, M. H. **Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda**. Luanda: Editorial Nzila, 2003.
- MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Luanda**. Luanda, Porto: Chá de Caxinde, Campo das Letras, 2000.
- MIRANDA, W. **O sintagma nominal do caboverdiano: uma investigação semântica**. Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2013.
- MONIZ, E. A. V. **Africanidades e eurocentrismo em pelejas culturais e educacionais no fazer-se**

histórico do Cabo Verde. PUC/SP, Dissertação de Mestrado, 2007.

OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. . **O português na África Atlântica.** São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2018.

OLIVEIRA, M. S. D.; ZANOLI, M. L.; ANDRADE, G. M. Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo um estudo inicial de base prosódico-pragmática. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.20, Num. Esp., p.159-186, 2018.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos marcadores discursivos. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 1296-1301, 2005.

_____. **Marcadores discursivos e articulação tópica.** Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado, 2010.

_____. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? **Revista (Com)textos Linguísticos**, Vitória, v. 6, n.7, p. 78-98, 2012.

RASO, T. Prosodic constraints for discourse markers. In: RASO, T.; MELLO, H. (eds). **Spoken corpora and linguistic studies.** Studies in Corpus Linguistics, v. 61, Amsterdam , Philadelphia: John Benjamins, p. 411-467, 2014.

RISSE, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** A construção do texto falado, v.1., São Paulo: Contexto, p. 391-452, 2015.

ROBERTS, I.; KATO, M. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, E. F. **Sentenças marcadas para o foco no Português do Libolo: uma proposta de análise derivacional.** Universidade de São Paulo, tese de Doutorado, 2015.

SANTOS, M. Alfabetização em Língua Portuguesa, Língua Segunda. Projecto continuar a ser criança. **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, 2004.

SANTOS, O. F. As diversas maneiras de aculturação na América Andina. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, n.12, p.1-12, 2011.

SEIBERT, K. G. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. **Afro-Ásia**, 49, p. 41-70, 2014.

TEIXEIRA, C. F. S.; RIBEIRO, E. P.; SALGADO, S. R. Marcadores discursivos na oralidade. **Revista eletrónica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto**, v.5, s/n, 2016.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** A construção do texto falado, v.1., São Paulo:



Contexto, p. 453-482, 2015.

Título em inglês:
**DISCOURSE MARKERS IN CAPE VERDEAN
PORTUGUESE**